



**DESENHO EXPANDIDO: RABISCO, PROCESSOS, TORÇÃO.**

**EXPANDED DRAWING: DOODLING, PROCESSES, TWISTING.**

Bruno Novadvorski<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indique com sim ou não**

Associado/a/e ANPAP: sim

## **RESUMO**

Este texto, que mais se aproxima de um ensaio, é a apresentação de uma pesquisa artística prática: olhar a própria produção em relação a outras obras de arte que tenham como cerne o desenho; para então pensá-lo no campo ampliado. Tal como faz Rosalind Krauss em relação a escultura, aqui o desenho é expandido. O texto inicia com a apresentação dos primeiros trabalhos realizados pelo artista, em 2012 e a realização de sua primeira exposição em 2013 até o ano atual, quando dá continuidade à sua pesquisa com foco no desenho com o uso de fitas adesivas kraft. Obras das artistas Rebecca Horn, Márcia X e do Atelier D43 auxiliam na reflexão, pois também são práticas do desenho expandido. A reflexão é finalizada com o atual andamento da pesquisa prática do desenho e algumas intenções futuras.

**Palavras-Chave:** Desenho expandido. Prática artística. Processo. Linguagem artística. Campo ampliado.

## **ABSTRACT**

*This text, which is more akin to an essay, presents a practical artistic research project. It involves examining one's own work in relation to other artworks centered on drawing and considering them within an expanded context. Similar to Rosalind Krauss's approach to sculpture, drawing is expanded here. The text begins with an overview of the artist's early works from 2012 and his first exhibition in 2013, and continues through the present, focusing on his ongoing research with kraft tape. The works of artists Rebecca Horn, Márcia X, and Atelier D43 aid in the reflection because they also involve expanded drawing practices. The reflection concludes with the artist's current progress in his practical drawing research and his future intentions.*

**KEYWORDS:** *Expanded drawing; Artistic practice; Process; Artistic language; Expanded field.*



## Introdução

Em 2013, realizei minha primeira exposição individual *Desenhos por Bruno Novadvorski*, com curadoria de Silvia Teske e realizada na Uniasselvi/Assevim, na cidade de Brusque, Santa Catarina. Naquele momento, Teske era minha professora no curso Técnico em Produção de Moda pelo SENAC – Brusque, ministrando disciplinas de criação e desenho em moda. A realização de croquis e estampas para o curso, aproximou nossa relação a partir do desenho. Isto porque não utilizava apenas os materiais convencionais para desenvolvê-los, mas também passei a usar a própria linha de costura ou folhas secas de árvores para criar minhas padronagens e croquis. O que levou a professora a me provocar quanto a prática do desenho de uma forma mais ampla, instigando-me a pensar como desenhar sem usar o papel e o grafite e sem ser, necessariamente, um desenho de moda, mas sim, um desenho artístico.

Iniciei então uma ampla pesquisa por materiais que poderiam me proporcionar um desenho que não fosse realizado de maneira convencional. A linha de costura, fios de eletrônicos, entre outros materiais que, em minha percepção, teriam a mesma potência que o desenho realizado pelo grafite. Foi então que Silvia sugeriu que eu pesquisasse as fitas adesivas e seu potencial para desenhar.

Imediatamente, comprei diferentes fitas adesivas de cores e materiais diversos, algumas plásticas e outras de papel. Iniciei os primeiros testes nas paredes de casa e em folhas sulfite, para justamente testar a aderência em diferentes superfícies como paredes e os desenhos nas folhas serviram como estudos. Depois de algumas frustrações, adotei a fita adesiva marrom ou também conhecida como fita kraft crepado, como minha principal ferramenta para desenhar nas paredes. Passei então para um segundo momento da pesquisa artística, desenhar em diferentes espaços públicos e privados, realizando intervenções urbanas nas cidades de Brusque (SC) e Curitiba (PR), (Imagens 1 e 2).



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Estudos de desenhos com fita adesiva kraft, banheiro do terminal urbano de ônibus em Brusque (SC), 2012. Bruno Novadvoski.

Imagem 2. Estudos de desenhos com fita adesiva kraft, Museu Oscar Niemeyer (MOM) em Curitiba (PR), 2012. Bruno Novadvoski.

Fui registrando os desenhos realizados nas intervenções – infelizmente, hoje, restam poucas imagens desses estudos – o que levou Silvia Teske a selecionar 10 (dez) imagens para também compor a exposição. Após essa pesquisa e a escolha das imagens, definimos onde e como seria montada a exposição. Silvia também ministrava disciplinas na Uniasselvi (faculdade privada) e que tinha um espaço para exposição, muito utilizado por artistas da cidade. Sua proposta foi que durante uma semana eu realizasse intervenções nas paredes do corredor de acesso, bem como no próprio espaço, onde, um dia antes da abertura da exposição, fixamos as 10 imagens selecionadas e o texto curatorial, como vemos nas imagens 3 e 4:



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagens 3. *Desenhos por Bruno Novadvoski, Uniasselvi/Assevim – Brusque (SC), 2013. Bruno Novadvoski.*



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

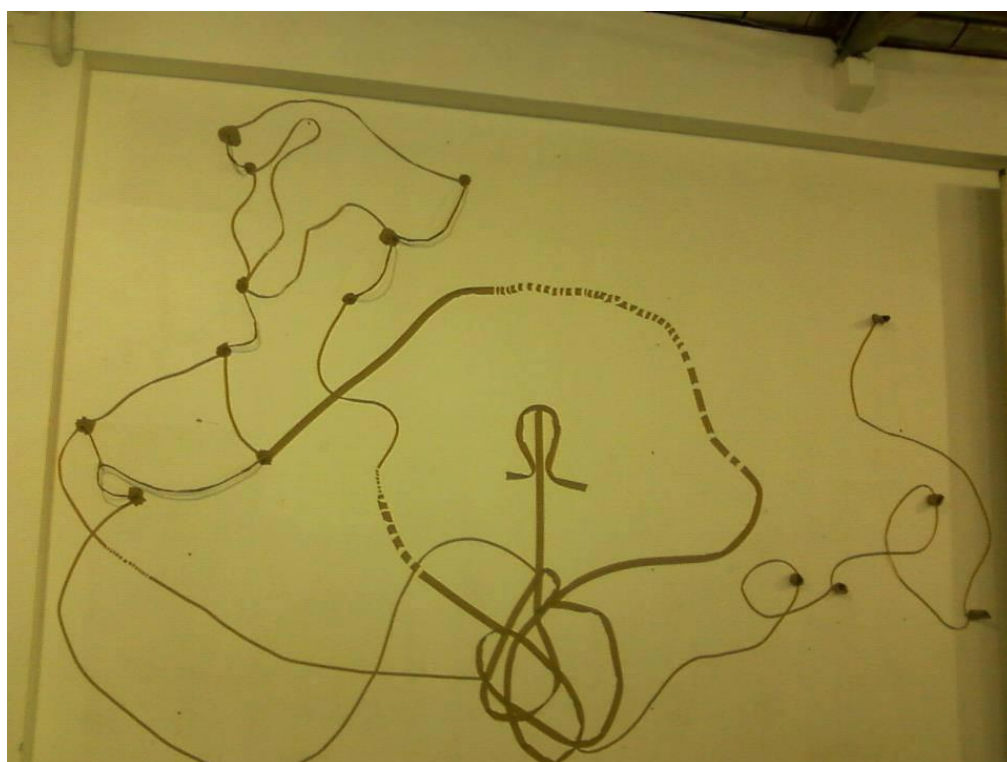


Imagem 4. *Desenhos por Bruno Novadvoski, Uniasselvi/Assevim – Brusque (SC), 2013. Bruno Novadvoski.*

Desde o ano de 2024, venho retomando a pesquisa artística em relação ao desenho e sua prática a partir de sua expansão, através da fita adesiva. Não se pretende estabelecer ou apresentar uma genealogia do desenho, a ideia deste texto é pensar o desenho a partir de sua prática, abordar questões que se dão em seu cerne. Pensar a expansão do desenho é olhar para sua categoria, ou melhor, linguagem e, a partir daí, avançar os seus limites, muitas vezes, entrando em contato com outras linguagens, como a performance, por exemplo. O desenho com a fita adesiva kraft, assim como o grafite, exige um exercício constante que aproxima e evidencia os limites e as possibilidades de criação dos materiais escolhidos, se tornando o processo do desenho um campo de imaginação. Seja no papel ou na parede, o desenho expandido é uma forma de criar possibilidades através de gestos que podem



ser abstratos ou mais figurativos. Portanto, na sequência, coloco em debate questões da prática em si, desenvolvendo as relações carvão-grafite-papel e fita-parede, aplicando como metodologia a autobiografia, através de relato da prática artística. Em seguida, abordo questões a partir de pensamentos de Rosalin Kraus e seu trabalho teórico sobre o campo ampliado em relação a escultura, estabelecendo relações teórico-conceituais que possibilitam pensar o desenho expandido. Encerro o texto apontando como pretendo seguir tanto a pesquisa do desenho expandido em sua prática artística, como o pensamento sobre o desenho.

## **Processos do corpo que desenha**

Existiria certo domínio ou exclusividade das mãos como as mais capacitadas partes do corpo para realizar o desenho? Mesmo que talvez se possa dizer que sim, diante do domínio motor das mãos em relação a lápis, canetas, carvão e os mais diferentes materiais que permitem a realização do registro. As mãos dominam, talvez até, pela presença da digital. Divagações a parte, o desenho que é realizado com fitas adesivas na parede, na realidade, se trata de afirmar que o desenho é feito com o corpo. As mãos conduzem o rolo de fita, mas o ato de desenhar é realizado pelo corpo em sua totalidade. Se o desenho quer tocar o teto, preciso me esticar ao máximo ou até ser auxiliado por uma cadeira ou escada, mas se o desenho se coloca ao lado do rodapé, o corpo precisa se abaixar até porque, talvez na sequência, o desenho queira se colocar em prática no chão, então é preciso praticamente engatinhar. Quando o desenho supera os limites da folha de papel, mesmo na sua tentativa mais criativa, modificando o desenho através de experimentações, como tornar a parede sua superfície e o ato de desenhar abre-se, o grafite cede lugar à fita adesiva.

Esse processo de desenho exige do corpo a realização de movimentos para que possam ser feitos. O corpo que antes, com o papel e o grafite, mantinha a postura de observação para desenhar, agora a linha criada pela fita exige o movimento e a força do corpo para que seja fixada na parede, a nova folha. Que outras práticas artísticas e obras se aproximam dessa característica do desenho expandido e como este



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

provoca o corpo? Apresento obras *Máscara de Lápis [Pencil Mask]* (1972), de Rebecca Horn (1944-2024); *Desenhando com Terços* (2000-2003), de Márcia X (1959-2005); e por último, *Desenho Elástico* (2015), do coletivo Atelier D43; como práticas do desenho expandido como um processo do corpo que desenha de diferentes formas, explorando as características das linguagens artísticas.

Em *Máscara de Lápis*, Rebecca Horn usa uma máscara que não cobre totalmente seu rosto, uma vez que a estrutura o deixa parcialmente visível. Há alguns lápis fixos na máscara, permitindo que, com o movimentar do corpo da artista e a pressão de seu rosto na superfície, o desenho seja realizado. Estando o grafite fixo no rosto da artista, o desenho ocorre quando a artista se movimenta, exigindo uma ação maior de seu corpo. Horn cria uma máscara que a auxilia na realização do desenho, ou seja, entre a artista e o grafite existe um objeto de conexão, realizando e ampliando a tradicional relação entre o corpo, o lápis e o papel.



Imagem 5. *Rebecca Horn, Pencil Mask [Máscara lápis], 1972.*



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

No contexto em que a obra é produzida – década de 1970 – autores como Michel Archer observam que, na arte desse período (aliás, já década anterior), essa movimentação já pode ser observada de forma que o processo é enfatizado em muitas obras, consolidando a performance como linguagem artística (ARCHER, 2012). Há nesse período também o avanço das pautas feministas que Horn aborda em seus discursos e é tema de debates do campo artístico, mas que para essa reflexão estão em suspensão. Na obra de Horn, entendo que os lápis não são extensões do corpo, mas ferramentas para registro dos movimentos na superfície. Tal qual a fita adesiva Kraft. Logo, ambos são materiais do desenho expandido que exigem ação do corpo na delicadeza do movimento.

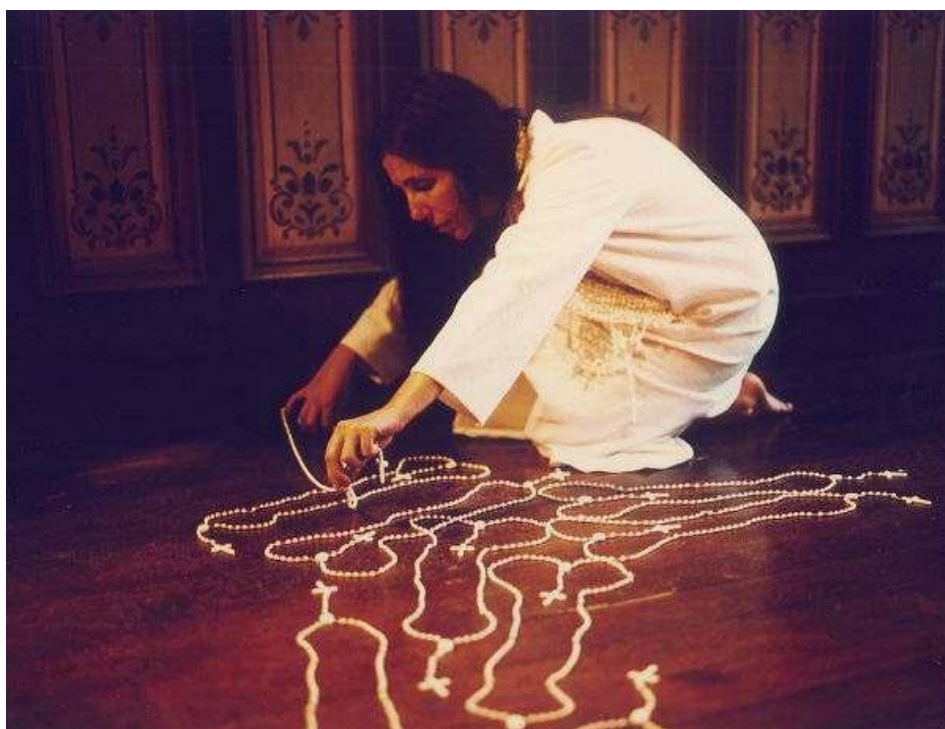


Imagem 6. Marcia X., *Desenhando com terços*, 2000 - 2003.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

A performance/instalação *Desenhando com Terços* (2000-2003) de Márcia X. é um de seus trabalhos que sempre gera acaloradas discussões, principalmente, pela utilização do terço (objeto religioso) para a realização de desenhos fálicos. O ato da artista é para o catolicismo a profanação de um objeto sagrado, questões que carecem de um momento próprio de reflexão. Ficando o exemplo de provocação ao sentido fixo das coisas, dar chance a outros sentidos. O desenho expandido pode resultar em um processo e obra de arte onde as distâncias sejam codificadas em aproximações, ou seja, desfazer as barreiras que possam existir com a prática do desenho ou a arte.

O processo para desenho expandido é importante porque as tradições do desenho são profanadas, permitindo-me o trocadilho oportuno com relação a obra em questão. O processo é afinal uma das principais características do que é a ideia de pensar o desenho dentro do campo expandido (como veremos na próxima sessão). Para Rebecca Horn, anteriormente apresentada, o processo é importante na realização do desenho. A artista mantém componentes da fórmula tradicional do desenho por meio do grafite e papel, entretanto, a não utilização direta das mãos ao criar uma máscara para desenhar. E ao desenhar com outra parte do corpo, se distância do aspecto da representação da verdade ou do real, não cabe mais ao desenho ser uma reprodução do que vemos.

A prática do desenho é uma questão recorrente não apenas nos estudos acadêmicos, mas também artísticos. Dizer que uma obra é um desenho expandido é, por assim dizer, que o processo de desenhar passa por experimentações constantes, testar diferentes grafites ou folhas é o mesmo que pesquisar a aderência que determinados tipos de fitas possuem em relação as especificidades da parede. Como também é o processo de encontrar no cotidiano um objeto que por meio de sua manipulação permita o exercício do desenho, como linhas de costura ou fios de carregador. É o caso do coletivo Atelier D43 em alguns trabalhos de desenhos que são realizados por mais de um artista e, algumas vezes, com a dificuldade de ter um elástico preso ao pulso, gerando atrito no movimento do braço que busca realizar o desenho.



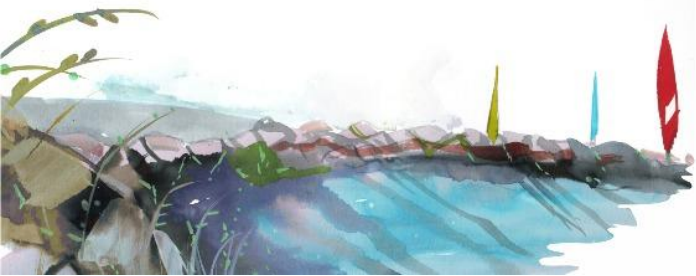
# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

O coletivo Atelier D43 surgiu no ano de 2011, como um grupo de pesquisa do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS), sendo seus encontros realizados no ateliê de desenho 43, pertencente a instituição. Com o passar do tempo e a expansão da pesquisa artística, o grupo se desvinculou institucionalmente, permanecendo então como um coletivo. Sua principal característica trata da prática do desenho diante do avanço tecnológico e da relação do desenho com demais linguagens contemporâneas.



Imagem 7. Ateliê D43, *Desenhos elásticos*, 2015 – Porto Alegre (RS).  
Frame: Bruno Novadvorski, Rio de Janeiro, 2025.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Dentre suas obras, destaco *Desenhos Elásticos* (2015)<sup>2</sup>, em que o resultado (o desenho) tem a mesma importância que o processo. Estar presente durante a realização ou assistir aos registros audiovisuais evidencia a importância do corpo e seus movimentos. Aliás, não se trata de um único corpo, mas de dois ou mais corpos em relação, mediados por elásticos. A força que o corpo demanda para realizar o desenho é intensificada. O limite não é mais do desenho como linguagem, mas do corpo que quer exercer a ação. A mão segura o lápis, enquanto o corpo resiste à força contrária de outro corpo, talvez também em tentativa de desenhar. O elástico borra as linhas, desestabilizando o gesto.

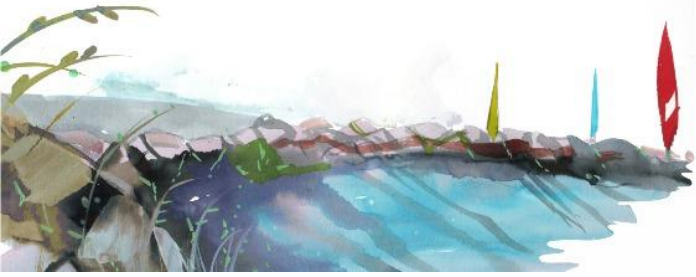
As três obras analisadas têm singularidades estimulantes. Quando confrontadas com a ideia socialmente difundida de que “não se sabe desenhar”, essa crença é, no mínimo, questionada. Afinal, qual o limite do desenho? Talvez a pergunta não exija respostas fixas, mas sim mantenha o alerta de que o desenho é uma forma de arte que estabelece novas relações e concepções de mundos possíveis.

## **Torção elástica, a linguagem do desenho no campo expandido**

Para aqueles que insistem em fixar as regras do que pode ou não pode em relação a arte; o desenho expandido é a torção da tradição de sua condição de linguagem artística, ou seja, os limites das práticas e materiais são postos em tensão.

Desenho expandido não é um conceito sobre desenho, mas modos críticos de ver a prática do desenho, as fabulações conceituais acontecem, se for o acaso, naturalmente. Ainda que de alguma forma, poderia ser aqui abordado como desenho, o expandido é o ato de chamar a atenção da prática. Esse tipo de desenho ou modo de entender o desenho, escapa da representação, da verossimilhança e do real.

Em *Máscara de Lápis*, o corpo em movimento realiza o desenho usando a cabeça da artista como parte do corpo que tem a posse do lápis e não as mãos. O que, por sua vez, deixa de ter a responsabilidade da representação. O mesmo ocorre em *Desenhando com Terços*, onde a ação do desenho se afasta drasticamente de sua



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

origem quando é realizado utilizando terços, objetos do cotidiano religioso. Já na obra *Desenhos Elásticos*, o que entra aqui em questão é a relação – em via de mão dupla – dos corpos e o ato de desenhar. Cabe perguntar: qual o peso do desenho?

As três obras são práticas artísticas que assim como o desenho com as fitas, esticam a linguagem do desenho, tal como diria Rosalind Krauss ao falar da escultura e sua ampliação, em que a obra final assume características de outras linguagens como a instalação, através de materiais que renunciam aos aspectos fundamentais da escultura como sua base, por exemplo (KRAUS, 2022). Horn em seu ato de desenhar renunciou as mãos como detentoras do poder do lápis, o que fez o corpo movimentar-se; Márcia X. opta por uma performance que desenha com objetos e o Atelier D43 continua a experimentação da prática utilizando grafite e seus corpos com a tensão do elástico.

Kraus é uma referência nessa reflexão pelo modo como olha o panorama da produção das esculturas e como são pensadas e repensadas e o que impactou em sua prática enquanto linguagem? Kraus responde que o avanço de aparelhos tecnológicos impactou a prática de alguns artistas que foram “esticando e torcendo a categoria da escultura e da pintura” (KRAUS, 2022, p. 129). Seu exercício é quase uma rápida genealogia da escultura e suas características, o que demonstra certa maleabilidade da própria categoria escultura. Quando a escultura tem características de sua categoria tencionada, expandido sua compreensão e prática, se estabelece um conjunto de oposições entre o que é para o que se quer, como por exemplo, Kraus cita que a escultura tem relações iniciais entre a arquitetura e a não-arquitetura ou a paisagem e a não-paisagem, relações que são chamadas de conjuntos de oposições. É no contexto destes conjuntos, citados pela autora, que o campo ampliado se dá (KRAUS, 2022), ou seja, um modo de ver como a categoria de escultura é repensada. Torcer e esticar a categoria da escultura até certo ponto a afasta da própria categoria escultura. Portanto, Kraus contribui por evocar a partir de sua pesquisa a seguinte questão: o que o desenho expandido torce e estica do desenho?



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

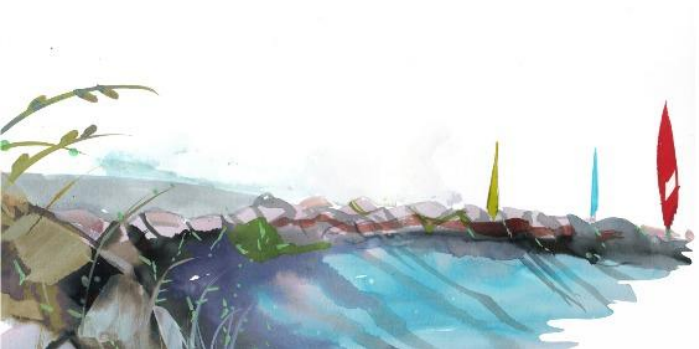
Seja pela fita adesiva kraft, a máscara de lápis, objetos cotidianos como os terços e os elásticos que interferem no ato do desenho, creio que o denominador comum é o corpo em diferentes formas; e que o desenho exige atenção e a sensibilidade do espectador para perceber que talvez aquele desenho tenha colocado o corpo do artista em movimentos muito diferentes da prática cotidiana do desenho, onde a postura fixa é uma regra importante, mas para o desenho expandido é maleável.

O desenho expandido também é um processo para o espectador que se vê em dúvida sobre o que enxerga apesar das pistas oferecidas seja nas etiquetas das obras ou nos discursos dos artistas e curadores. Márcia X. desenha de modo diferente de Rebecca Horn que possui uma máscara de lápis, enquanto o Atelier D43 tem, em seus corpos, elásticos que tencionam o movimento do corpo que quer desenhar. Estes são os processos dos artistas e um modo do espectador aproximar-se da ideia de desenho expandido, que também pode ser uma vontade de democratização de acesso à arte.

## **Algumas considerações finais para deixar em aberto**

Como aponte na introdução, este texto apresenta aspectos iniciais da retomada de uma pesquisa de uma prática artística: desenhar com fitas adesivas. Voltar a desenhar faz parte de um processo que não é simplesmente voltar para uma prática do passado, mas ter uma bagagem para pensar questões sobre o desenho, como a própria arte.

No que tange à minha prática, cada vez mais tenho realizado estudos em minha casa e na de amigos, realizando meus desenhos. Observo que enquanto desenho, aos poucos a fita vem se descolando da parede, dando ao desenho de fita kraft uma tridimensionalidade, como se percebe pelas sombras das imagens abaixo:



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

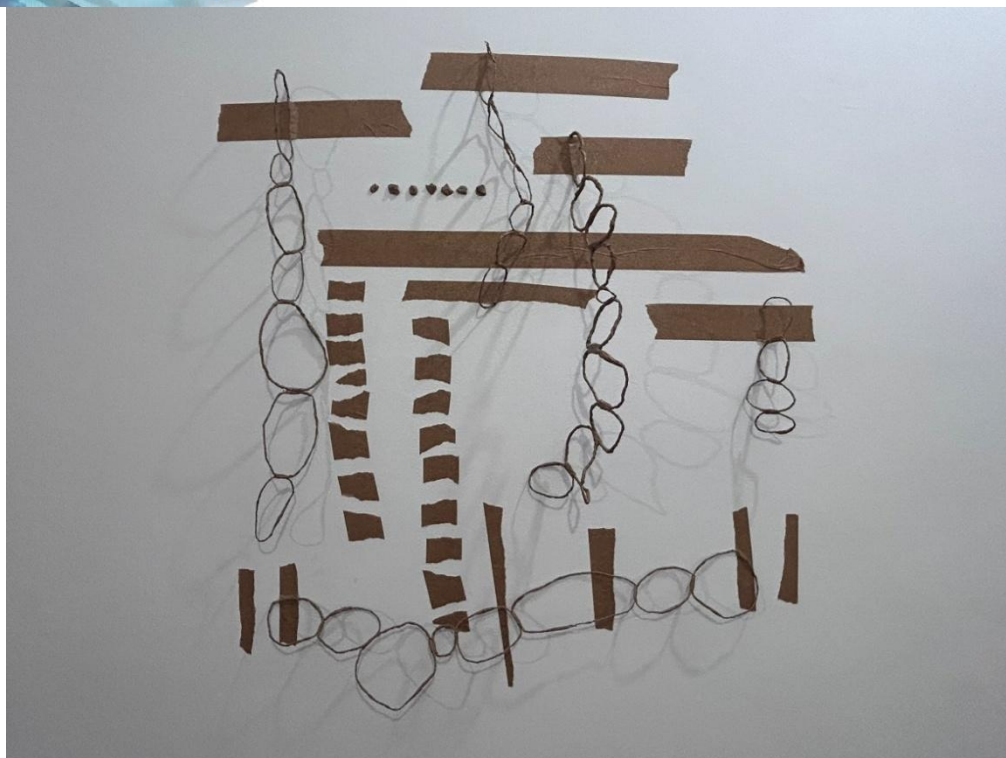


Imagem 8. Bruno Novadvoski, *Estudo de desenho expandido*, 2025 – Rio de Janeiro (RJ).



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

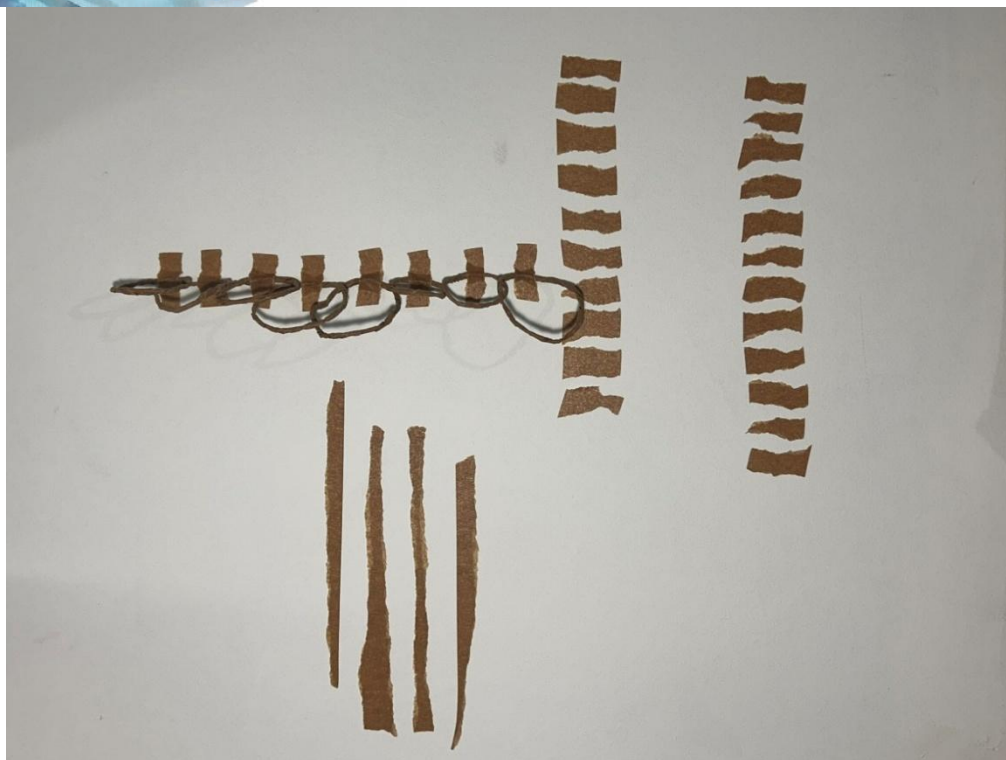


Imagem 9. Bruno Novadvoski, *Estudo de desenho expandido*, 2025 – Rio de Janeiro (RJ).

Tenho como objetivo realizar mais intervenções em espaços públicos e privados, da mesma forma que realizei na pesquisa de 2012. Em adição, tenho experimentado outras formas de desenhar, como por exemplo, utilizando linhas de costuras; ou tornando o desenho em instalações, nas quais o efeito da luz e sombra é importante.

Não foi a intenção dessa reflexão fixar um conceito ou algo semelhante sobre o que é o desenho expandido. O desejo foi apresentar um conjunto de práticas que façam com que o desenho balance a poeira que, por vezes, paira sobre a arte, afastando e criando grupos restritos. O desenho com a fita adesiva kraft, assim como o grafite, exige um exercício constante que aproxima e evidencia os limites e as possibilidades de criação dos materiais escolhidos, se tornando o processo do desenho um campo de imaginação. Seja no papel ou na parede, o desenho expandido é uma forma de criar possibilidades através de gestos que podem ser abstratos ou mais figurativos. Olhar outras formas de praticar o desenho é potencializar sua capacidade de



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

transformar a relação do ato de desenhar e do aspecto social com a arte. Não ser mais a arte um outro mundo, como que algo distante, mas permitir novas formas de ver os mundos, tal como quando rabiscamos planetas em blocos de anotações aleatórios.

## Referências

ARCHER, Michel. Arte contemporânea: uma história concisa. Tradução de Alexandre Krug, Valter Lellis. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRAUSS, Rosalind. Escultura no campo ampliado. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 17, p. 129-137, 2008.

<https://rebecca-horn.de/>

<https://atelierd43.wordpress.com/paineis-e-murais/>

## Nota

---

<sup>1</sup> Artista visual, curador, crítico de arte, pesquisador. Doutorando e Mestre em Artes pelo PPGArtes - UERJ. Bolsista CAPES (Doutorado). Bolsista CAPES e FAPERJ - Nota 10 (Mestrado). Bacharel em Artes Visuais pelo IA-UFRGS (2021). Coidealizador e coorganizador do *Ars Sexualis* - Seminário Internacional de Artes Visuais e junto com o artista Chris, The Red, criou o DUOCU. <http://lattes.cnpq.br/1114886623677374>. <https://orcid.org/0000-0002-6429-6942>.

<sup>2</sup> Ver: <https://vimeo.com/181883795?&signup=true#> =